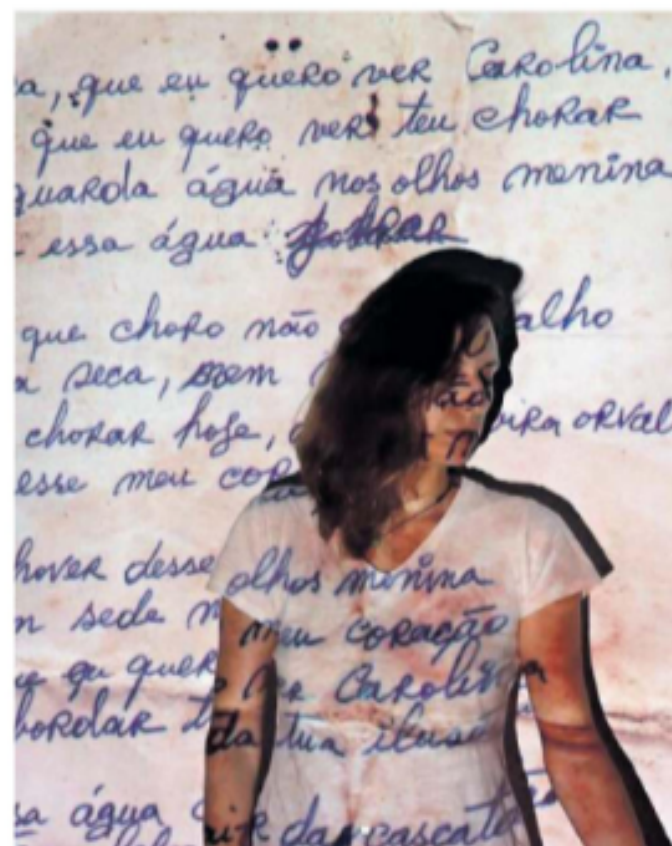




Diário do Pará

Um infinito de canções, memórias e amor



CAPA

Foi pensando no legado deixado pelo pai que a artista visual Carol Abreu propôs “reviver um ritual” que já era feito pelo seu pai e seus amigos, da circulação de um acervo de vinis que hoje está na prateleira da instalação “Studio Som Jolie: Replay”, aberta desde quinta-feira na Galeria Ruy Meira, da Casa das Artes, onde permanece para visitação até 28 de setembro. A proposta agora é manter viva essa coleção e memória de Aldemário Abreu, pai da artista, que faleceu em 2020, vítima da covid-19.

“Acredito que compartilhar histórias de vida pode

ser importante. Somos feitos de pessoas, de narrativas que nos atravessam. A gente se identifica com as experiências dos outros quando escutamos o mundo. E é desta forma que mantenho a vida do meu pai viva, não só para mim, como para o mundo. Disponibilizar o acervo para o mundo faz parte da forma de vida do meu pai. Ele adorava criar playlists personalizadas para os amigos, familiares”, conta Carol, que cada vez que entra no estúdio sente que é um encontro com o pai, pois era lá que ele passava a maior parte do tempo, ouvindo suas músicas, cantando, tomando sua cervejinha.

“Eu encontro com ele nes-

te lugar. Parece que a gente se comunica por meio das canções. Até hoje ele me apresenta um universo infinito de canções. Em cada fragmento do estúdio, eu tenho memórias, ou chego até fabular histórias que eu não vivi”, diz Carol.

A proposta da exposição surgiu a partir de uma inquietação da Carol a respeito da conservação dos vinis do pai, pois percebeu que toda vez que fazia a higienização dos discos, encontrava capas em que havia assinaturas de outras pessoas, inclusive textos, datas. Durante esse processo, alguns amigos de seu Aldemário apareceram na casa da artista atrás de discos que haviam trocado com o pai dela.

“Com isso, percebi que eu poderia reviver um ritual que já era praticado entre meu pai e seus amigos, no caso, fazer a circulação desses discos. Na exposição passada, em 2022, havia uma obra que se chamava ‘Esta é uma gravação que vai ficar para a posteridade’, algo que meu pai sempre falava ao final de algumas gravações pessoais que encontrei. Daí surge a proposta de trocar os vinis por histórias, por vozes, por outras narrativas. Não há nada de novo nesta proposta, mas quero celebrar os rituais, o coletivo, a memória, não só do meu pai, mas como também de diversas vidas”, declara Carol, que guarda com carinho as principais lembranças com o pai,

uma delas a musical. “A memória é indomável, mas não posso negar que meu pai me remete profundamente à cena musical, Mutantes, Novos Baianos. Cresci ouvindo os Beatles, é uma das maiores lembranças que tenho. A prateleira de fitas K7 e de vinis é muito simbólica também. A vontade que tenho é de ouvir todas as músicas que ele ouviu daquelas prateleiras. Meu pai foi um homem muito simples, foi flexível na educação, mas exigente no gosto musical. Era colecionador, um arquivista amador de músicas, que é uma das minhas maiores referências. Hoje eu tenho uma playlist só com as músicas que me remetem a ele”, revela.



<https://dol.com.br/digital/Page?editionId=2562#book/33>





Diário do Pará

Cores do Pará envolvem Belém

Projeto transformou elevados em galerias a céu aberto para a arte em grafite



Belém tem ganhado cores em diversas vias públicas centrais, compondo uma galeria de arte a céu aberto, com painéis em grafite. Os traços remetem à riqueza da arte amazônica, dando visibilidade ao trabalho de artistas visuais, além de embelezar a cidade. As obras podem ser contempladas nos elevados Carlos Marighella, localizado na avenida Doutor Freitas, e Gunnar Vingren, na avenida Júlio César.

A proposta é um desdobramento do projeto “Cores do Pará”, que está em sua terceira edição. A iniciativa é do produtor cultural André Monteiro e tem a coordenação artística de André Santos, que fez a curadoria. A seleção reuniu pessoas que passaram pelo projeto em edições anteriores, realizadas em outros municípios paraenses, e artistas atuantes na área há anos. Participam os artistas Dannoelly Cardoso, Vitor Matos, Edpaulo Cardoso Moraes, Bianca da Silva (Parawara), ORDEP, Nilo Nilo, Green Matinta e Marcelo Alho.

Com atuação em artes visuais há 15 anos, Théo Lima une sua essência a uma linguagem contemporânea em seus desenhos. A concepção veio desde quando ele decidiu estudar desenho no Núcleo de Oficinas Curro Velho. Formado em biblioteconomia, sua paixão é o grafite, onde encontrou uma maneira de se expressar de forma autêntica. Oriundo de uma família de ceramistas do Paracuri, bairro do distrito de Icoaraci, onde passou a infância, Théo passou por várias influências, desde os traços com influências marajoaras e tapajônicas à cultura maracá, representada em conteúdos iconográficos, grafismos e simbolismos de peças cerâmicas encontradas nos sítios arqueológicos do Amapá.



<https://dol.com.br/digital/Page?editionId=2562#book/35>